



Apresentação

Habitar o mundo, coexistir com o humano.

Wandeilson Miranda¹
wandeilson.miranda@ufma.br

Gustavo Bezerra do N. Costa²
gustavobn.costa@uece.br

O fim da filosofia, a multiplicidade, a diferença, o caos, a crise, a ruptura, o pós-moderno, o hipermoderno, a complexidade e tantas outras são as denominações utilizadas para se falar da vida que não mais se acomoda no uno, na identidade, na representação, no espírito absoluto, na determinação. Não é apenas uma questão de se demorar sobre o sentido do ser, mas a finitude exige os sentidos de ser, por isso, a divergência e a pluralidade tornam-se o *leitmotiv* de uma época aversa a arbitrariedade das sínteses. Há de se ter muitas vozes para as muitas dúvidas que afligem a vida contemporânea, já não basta olhar para o passado da filosofia, pois se faz necessária a conexão com as forças autóctones e para além do horizonte ocidental.

Os textos ora apresentados, que compõem o dossiê *Habitar o mundo, coexistir com o humano*, foram organizados de modo a prover ao leitor um panorama mais abrangente, ou ainda, uma pluralidade de perspectivas que, da modernidade à contemporaneidade, tangenciam os afetos que compõem as relações entre os humanos, bem como entre estes e o mundo que os sustenta e provê.

1 Professor do Curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Coordenador do Grupo de pesquisa NEO-BIO: ontologia, corpo e biopolítica (CNPQ); atualmente coordenador do GT Benedictus de Spinoza (ANPOF); professor permanente do Mestrado em Filosofia do Departamento de Filosofia (PPGFil-UFMA).

2 Gustavo Bezerra do N. Costa é doutor em Filosofia (UERJ), professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE), coordenador do projeto de pesquisa: “O corpo além da pele. A ética do cuidado como extensão egoística da criação de si” e do GENi: Grupo de Estudos Nietzsche da UECE (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4813183342852378).

O leitor deve ter em mente a seguinte questão: como pensar o presente sem colocar em suspensão o que acreditamos? Repensar nossa relação com o mundo de modo a transformar nossa ação individual e coletiva precipita-nos na fronteira do conhecimento. Coloca em evidente tensão as convicções sobre o que entendemos por liberdade, economia, ecologia, democracia, técnica *etc.* Repensar esse solo comum de valores e representações permite observar o outro humano que somos e que não está determinado pela filosofia, pela arte ou demais regimes de saberes. Em um certo sentido, é preciso pensar o inumano em nós, isso que escapa à ordem das classificações, ao poder que hierarquiza e submete a existência a certa visão de mundo (*Weltanschauung*). Para se pensar outra coexistência possível, antes de tudo é preciso suspeitar.

O ponto de ancoragem deste conjunto de textos orbita o pensamento de Nietzsche, particularmente com temas nos quais aquelas relações se mostram mais prementes, aí se incluindo: a liberdade, o destino, o finalismo, o egoísmo, a sociabilidade, o ressentimento e a singularidade. É notadamente clara, em tais textos, a busca bem-sucedida por transpor os limites da exegese filosófica – sem dúvida relevante a um distanciamento dos equívocos interpretativos – e salientar, a partir daqueles temas, a relevância de seu pensamento para pensarmos problemas tão próprios da contemporaneidade.

Ainda que determine a tônica do dossiê, a nota nietzscheana, entretanto, não é a única. Dos doze artigos apresentados, metade deles compõem pontos de fuga que, se em maior ou menor medida retomam, dialogam ou mesmo contrapõem o pensamento daquele filósofo, trazem à nós, cada um à sua maneira e em face dos desafios que nos são próprios na atualidade, o problema dos afetos que envolvem as relações entre o humano e o mundo. Por definição, co-existir é existir *com* o outro na experiência da fronteira. Porém, fronteira não deve significar o que encerra, divide ou limita, a fronteira deve ser pensada como a tênue linha entre as multiplicidades, aquilo que permite o encontro, a passagem, a troca, a hibridização e a conexão das diferenças. Entretanto, para que isso ocorra, é preciso que a filosofia interceda para quebrar as linhas duras que impedem o encontro e o surgimento do novo. Deste modo, pensar a coexistência é sempre pensar as coexistências, ou seja, o plural e o diverso. Aqui vêm à tona temas como: o imaginário, o acontecimento, a ancestralidade, a finitude, o meio-ambiente e a solidariedade.

É essa polifonia, em certo sentido, caleidoscópica – afeita, portanto, à pluriversalidade que habitamos e que nos habita –, que oferecemos ao leitor da *Modernos & Contemporâneos* o presente dossiê.

Boa leitura!

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.